

# DEU-NOS O NOME DE MARIA

*je suis  
mes. fit. sentir plus  
je méditais depuis long  
de Petits Grèges de Marie,  
succès, en peu d'anné  
sous la*

CIRCULARES DOS SUPERIORES

Irmão Emili Turú - Superior geral

2 de janeiro de 2012

exécution le projet que  
je leur donnerai le nom  
de Sujets; un prompt

Co<sup>d</sup>  
En 1826

aide par ce Brevet et  
maison h<sup>o</sup>

# DEU-NOS O NOME DE MARIA

Dando-nos  
o nome de Maria,  
o Padre Champagnat  
quis que vivêssemos  
do seu espírito.

*Constituições, 4*

Volume XXXII – Nº 1

2 de janeiro de 2012



**Diretor:**

Irmão Alberto Ivan Ricica

**Comissão de Comunicação:**

Irmãos Antonio Ramalho,  
Alberto Ivan Ricica,  
Luiz Da Rosa

**Coordenação dos tradutores:**

Irmão Josep Roura

**Tradutores:**

*Português:*

Irmão Salvador Durante

*Francês:*

Irmão Alain Delorme

*Inglês:*

Irmão Edward Clisby

**Fotografia:**

AMEstaún,

Arquivos da Casa geral

**Diagrama e fotolitos:**

TIPOCROM, s.r.l.

Via A. Meucci 28,

00012 Guidonia

Roma (Itália)

**Redação e Administração:**

P.<sup>zale</sup> Marcelino Champagnat, 2

C.P. 10250 – 00144 ROMA

Tel. (39) 06 54 51 71

Fax. (39) 06 54 517 217

E-mail: [publica@fms.it](mailto:publica@fms.it)

Web: [www.champagnat.org](http://www.champagnat.org)

**Edita:**

Instituto dos Irmãos Maristas

Casa geral – Roma

**Imprime:**

C.S.C. GRAFICA, s.r.l.

Via A. Meucci 28,

00012 Guidonia

Roma (Itália)

Janeiro de 2012




*Monograma de Maria,  
esculpida em pedra,  
datada de 1824,  
hoje pode ser visto  
na verga  
de uma porta  
da casa de La Valla.*





## Índice

---



O QUE ESTÁ ACONTECENDO?	8
CHAMADOS A CONSTRUIR O ROSTO MARIANO DA IGREJA	28
TRÊS ÍCONES PARA CARACTERIZAR UMA IGREJA DE ROSTO MARIANO	40
• Ícone da Visitação: a Igreja do avental	48
• Ícone de Pentecostes: a fonte da aldeia	54
• Ícone da Anunciação: a beleza salvará o mundo	62
MARIA, AURORA DOS NOVOS TEMPOS	72





Esta Circular, de número 412 das escritas desde os inícios, situa-se numa tradição que remonta a São Marcelino Champagnat, cuja primeira Circular data de 1828. Desde então, com estilos próprios de cada pessoa e de cada época, encontramos, em milhares de páginas, notícias de família, informações, mandatos, recomendações, reflexões sobre nossa vida e missão... De qualquer maneira, são a expressão da vontade de construir uma família unida em torno do essencial. Parece-me interessante constatar que a palavra Circular, além do significado que aqui lhe atribuímos, se refere também ao pertencente ou relativo ao círculo. Como sabemos, as mesas circulares foram poderoso símbolo de escuta e diálogo durante o nosso último Capítulo geral, que, pouco a pouco, foi se estendendo por todo o Instituto. Oxalá as páginas seguintes sirvam para continuar construindo família e para manter um diálogo aberto e construtivo, como corresponsáveis que somos na missão que nos foi confiada.



O QUE ESTÁ  
ACONTECENDO  
CONOSCO?





**Guia-me,** *Senhor, minha luz,  
nas trevas que me rodeiam:  
guia-me para frente!  
A noite é escura e estou  
longe de casa: Guia-me, Tu!  
Dirige Tu meus passos!  
Não Te peço ver claramente  
o horizonte distante:  
basta-me avançar um pouco...  
Nem sempre fui assim, nem sempre  
Te pedi que me guiasses.  
Eu mesmo gostava de escolher  
e organizar minha vida...  
mas agora, guia-me Tu!  
Gostava das luzes deslumbrantes  
e, desprezando todo temor,  
o orgulho guiava minha vontade:  
Senhor, não recordes  
os anos passados...  
Durante muito tempo  
tua paciência me esperou:  
sem dúvida, Tu me guiarás por  
desertos e terrenos pantanosos,  
por montes e torrentes,  
até que a noite dê passagem  
ao amanhecer, e me sorria,  
de madrugada, o rosto de Deus:  
Teu Rosto, Senhor!*

---

**Henry Newman**



**Algumas** semanas antes de pôr-me a escrever esta Circular, estive em Sevilha (Espanha). Sentado à mesa com os Irmãos de uma das comunidades presentes nessa cidade, mantivemos interessante diálogo a respeito de como víamos a situação do Instituto no momento atual e no futuro. É algo que vivi em muitos outros lugares do mundo, nos encontros com Irmãos, Leigos e Leigas.

Considero essas conversações como momentos privilegiados, já que nos obrigam a fazer uma síntese e a não ficar pela rama e, por outra parte, a gente sente que se constrói entre todos, visto que ninguém tem respostas definitivas.

Posso iniciar esta Circular como uma conversa? Talvez seja uma boa maneira de recolher temas que nos preocupam e abordá-los como faríamos num diálogo descontraído, com o desejo de iluminá-los um pouco mais.

## O INSTITUTO NO SEU CONTEXTO ATUAL

- *Poderíamos dizer muitas coisas sobre a situação do Instituto hoje,*

*mas se tivéssemos que escolher uma palavra para caracterizá-lo, qual seria?*

A primeira que me vem à mente é *fragilidade*. Se olharmos os dados objetivos, algumas regiões do Instituto são frágeis porque a média de idade dos Irmãos é muito alta, e em outras partes, pelo contrário, porque é muito baixa. Mas também fragilidade no compromisso *para sempre*, que se rompe com facilidade. Fragilidade em muitas de nossas vidas pessoais ou comunitárias, como sinônimo de superficialidade e falta de raízes profundas.

Por outra parte, é verdade que participamos de um momento de crise que afeta a maior parte dos Institutos de Vida Consagrada, e que não é fácil situar-nos de maneira adequada, perante esta nova situação: isto nos torna mais frágeis.

De toda a maneira, penso que a *fragilidade* é uma característica de qualquer tipo de vida tal como a conhecemos: nasce, se desenvolve, morre... sempre tão frágil!

Creio que devemos ser muito gratos ao Senhor por tudo quanto realizou e continua realizando por meio do Instituto, apesar dessa fragilidade (talvez graças a ela!), como também por aqueles Irmãos que, graças à sua coerência e fidelidade, foram e continuam sendo autênticas *colunas do Instituto*, como dizia o Padre Champagnat.

- *O número de Irmãos se reduz: perto de uma centena a menos por ano... isso também seria fragilidade?*

Parece-me que é preciso situar-se com humildade e abertura ante o Senhor da História, convencidos de que o Espírito Santo não deixou de agir, embora não o faça como teríamos imaginado. Um Irmão me contava que, durante seu tempo de noviciado, nos anos 60, fez uma projeção de crescimento do Instituto, baseando-se nos dados recolhidos desde a fundação: segundo a matemática, cresceríamos em número, ano após ano. Bem pouco tempo depois desse cálculo, a realidade contradisse a matemática!

Sim, provavelmente este também seja um sinal de fragilidade: é como a imagem de um barco no meio de um mar enraivecido, que não podemos controlar, e do qual vão baixando pessoas (mais do que aquelas que sobem), que respeitamos em sua liberdade. Se em algum momento acreditávamos que nosso barco era poderoso e invencível... a travessia nos ensinou que mais vale assumir a própria fragilidade e pôr-se con-





fiadamente nas mãos d'Aquele que está no meio de nós e que, por vezes, parece estar dormindo em plena tempestade.

■ *A que se deve essa diminuição numérica?*

No passado foi por causa do grande número de Irmãos que deixavam o Instituto; hoje é, sobretudo, pelos que morrem: algumas Províncias têm média de idade muito elevada e, portanto, essa tendência continuará por alguns anos. Contudo, continua sendo preocupante o número de Irmãos que pedem para não continuar entre nós como religiosos: nestes últimos anos, são quase tantos quanto os que fazem sua primeira profissão, senão mais.

■ *Parece-me que muitas pessoas continuam dando muita importância aos números como critério de êxito evangélico...*

É isso. E nossa linguagem reflete bem a mentalidade que há por trás. Por exemplo, algumas vezes escutei: “somos poucos”... Poderia aceitar que alguém dissesse que “somos menos que antes”, porque esse é um dado objetivo. Mas “poucos” é uma avaliação subjetiva, que reflete nosso desejo de ser “mais” ou “muitos”: Por quê? Para quê? Quem disse que há um número melhor do que outro para a eficácia evangélica? Ou será que temos saudades dos tempos passados? Poderia ser, talvez, que queiramos ser “mais” que outros?

Essas percepções subjetivas, amiúde inconscientes, só nos frustram e tiram energia, já que

as coisas não vão como esperávamos. Em lugar de prestar atenção ao que está emergindo neste *hoje* de Deus, podemos ficar ancorados na nostalgia do passado, que distorce também nossa visão de futuro.

Vale a pena compreender que o ponto de referência para essas avaliações é o próprio eu e não são os critérios do Evangelho.

- *A tudo isso haveria que acrescentar que quando dizemos “somos poucos”, estamos falando apenas dos Irmãos, esquecendo o grande número de Leigos e Leigas que se identificam com o carisma e a missão maristas.*

Com efeito, inclusive a afirmação *somos menos que antes* pode ser questionada, visto que nunca houve, como agora, tantos leigos e leigas que se sentem chamados a viver sua vocação cristã como *maristas de Champagnat*. De acordo com isso, o Instituto está diminuindo ou crescendo?

Isso não significa que, diante da crise vocacional para a vida religiosa que se vive em muitas regiões do Instituto, devamos cruzar os braços, aceitando que as coisas sejam assim e que pouco ou nada podemos fazer. Essa atitude, cômoda e talvez irresponsável, somente coloca os problemas fora de nós e parece que nos exime, por isso, do compromisso com uma pastoral vocacional séria, assim como da autocrítica perante a qualidade de nosso testemunho.

- *Algumas pessoas da Igreja, entre as quais alguns bispos, afirmam que agora é o tempo dos leigos e dos novos movimentos eclesiais, e que já passou o tempo da vida consagrada...*

Na Igreja sempre deveria ser o tempo dos leigos, visto ser essa a condição da imensa maioria dos seguidores de Jesus, assim como o ponto de partida que todos compartimos. Também é verdade que, ultimamente, estão no auge os assim chamados *novos movimentos*, mas isso não significa que devam substituir as diversas formas de vida consagrada, algumas com mais de 1.500 anos de história.

Assim o que afirmava o Papa Bento XVI, em novembro de 2010, ao receber a União dos Superiores Gerais (USG): *O momento atual apresenta, para não poucos Institutos, o dado da diminuição numérica, especialmente na Europa. As dificuldades, entretanto, não nos devem fazer esquecer que a vida consagrada tem sua origem no Senhor: Ele a quer, para a edificação e a santidade de sua Igreja, e por isso a Igreja mesma sempre a terá. Animo-os a caminhar na fé e na esperança, pedindo-lhes, ao mesmo tempo, um renovado compromisso na pastoral vocacional e na formação inicial e permanente.*

A Igreja sempre necessitará do estímulo profético das comunidades de vida religiosa. E se algumas delas não cumprem sua função, deverão renovar-se em profundidade ou, simplesmente, desaparecer e ceder o passo a outras comuni-

dades que aceitem viver responsabilmente esse encargo.

O tempo da vida religiosa não passou, e a nós corresponde demonstrá-lo com fatos.

- *Entretanto, os “Institutos de Irmãos” não parecem ter muita relevância no conjunto da Igreja.*

Durante a audiência do Papa à USG, antes mencionada, coube-me saudá-lo pessoalmente, em nome dos *Institutos de Irmãos*. Num breve diálogo, sublinhou-me que considerava esses Institutos muito importantes para a comunidade eclesial. Pareceu-me que era muito mais que uma cortesia e que refletia uma convicção sua.

Entretanto, salta aos olhos que em nossa Igreja perdura uma estrutura muito clerical, o que significa que se minimiza a participação ativa na vida e no governo da Igreja dos que não são clérigos, relegando-os a serem observadores passivos ou, no máximo, *colaboradores*.

Frequentemente, perguntam-me com incredulidade por que entre nós não há sacerdotes. Não deixa de ser uma ironia que, no contexto da vida religiosa, que nasceu laical, os *Institutos de Irmãos* apareçam ago-



ra como uma exceção ou uma raridade, quase precisando justificar sua existência. Não caberia aos Institutos clericais explicar-nos como o ser religioso combina com o ser clérigo?

Esta situação não deveria desalentar-nos, mas estimular-nos. Num contexto clericalizado, nossa opção se torna profética.

## MORRER PARA DAR VIDA

- *Fragilidade, redução numérica, irrelevância... não parecem ser características muito estimulantes!*

Talvez, poderíamos lê-las como um convite a irmos ao essencial de nossas vidas. O Ir. Seán, em sua última Circular, *Em seus braços ou em seu coração*, aborda este mesmo tema: *Os períodos passados de mudanças significativas na vida religiosa nos deveriam ter ensinado que todo processo, em que o velho precisa morrer para dar lugar ao novo, exige pelo menos meio século para se efetivar. Qualquer grupo precisa de todo esse tempo para 'desconstruir-se', de modo que seus membros comecem a fazer-se as perguntas certas. E acrescenta: Talvez estejamos suficientemente 'desconstruídos' para prestar atenção, desta vez sim, ao que Deus espera do nosso modo de vida (p. 46-47).*

Seria possível expressar com maior clareza o momento que estamos vivendo? O desafio, naturalmente, é o de não ficar lamentando as perdas, mas de abrir-se ao inesperado.

- *Esta parece uma lei de vida que vemos na natureza: podar para ter mais energia; enterrar-se para dar vida...*

A renovação da casa de l'Hermitage me parece, nesse sentido, um sinal muito forte. O Sr. Joan Puig-Pey, arquiteto que dirigiu as obras, realizou um pequeno vídeo, com a ajuda de seu filho, no qual se fazia o percurso de um dia inteiro, concretamente em 23 de julho de 2009, quando os trabalhos estavam no auge. Impressionaram-me as imagens da noite, quando todos os trabalhadores já se haviam retirado: enquanto se contemplam as ruínas e a desolação de um edifício do qual restaram praticamente apenas as paredes externas, começa a tocar o *Ave, verum Corpus* (Salve, Corpo verdadeiro), com música de Mozart. Como sabemos, esse hino do século XIV foi composto para ser cantado durante a Eucaristia, no momento da elevação do Pão consagrado. O mesmo Sr. Joan disse que havia escolhido essa música porque teve a intuição de que aquele edifício, como o corpo do Senhor, através da morte, se converteria em pão de vida para os Maristas que, no futuro, dele se aproximassem.

Para mim esse símbolo pode aplicar-se não somente à casa de l'Hermitage, mas também ao Instituto inteiro. O hino repete o termo *verdadeiro* duas vezes, nos primeiros versos, sublinhando que se trata do mesmo Jesus Cristo em pessoa e de que o seu sofrimento era real e não imaginário. O que foi certo para o Senhor, não o será menos para nós. Mas ninguém gosta de passar pela noite da desolação, quando senti-



mos que tudo vem abaixo, e não temos nenhuma certeza de que o que virá vai ser melhor do que aquilo que já tínhamos.

No Instituto temos que aceitar que a morte faz parte da vida e que esse processo traz sofrimento *verdadeiro*. O que nos resultava familiar está desaparecendo e ainda não acabamos de ver com clareza em que consiste o novo.

- *Trata-se, então, de acolher com fé todo esse despojo, confiantes de que, misteriosamente, será fonte de vida.*

Mais do que isso, trata-se também de colaborar com a ação do Espírito! Não se deve esperar que Ele faça todo o trabalho...

Já em 2001 dizia João Paulo II, dirigindo-se aos Capítulos gerais da Família Marista: *Ao dirigir-*

*se às pressas aos montes da Judeia para encontrar-se com sua prima Isabel, não nos ensina Maria a liberdade espiritual? Importa, com efeito, que não se deixem absorver unicamente pela gestão da herança recebida, mas que saibam discernir o que convém abandonar com espírito de pobreza, mas, sobretudo, com a liberdade evangélica que nos torna disponíveis aos chamados do Espírito. Ante a multiplicidade dos chamados, é preciso efetivamente uma autêntica liberdade para discernir as urgências.*

O que é que o Capítulo geral XXI nos pediu? Exatamente como João Paulo II, oito anos antes: Sair depressa, com Maria, para uma nova terra! A palavra *novo* ou *nova* aparece muitas vezes no documento capitular: *nova terra; nova época para o carisma marista; vida consagrada nova; novo modo de ser Irmão; nova relação entre Irmãos e leigos; maristas novos...* Tanta insistência na novidade deve significar que não estamos satisfeitos com nossa realidade atual. Entretanto, dá a impressão de que, uma vez iluminados pelo Espírito e tendo visto claramente que é preciso dirigir-se para novas terras... – o que deixamos por escrito! - voltamos às nossas ocupações habituais como se nada houvesse acontecido!

Já sei que estou exagerando um pouco, porque também é certo que estamos caminhando em muitos aspectos; mas, me pergunto onde ficou o *depressa* do último Capítulo. Quando observo algumas decisões que tomamos como Conselho geral, me pergunto que conexão elas têm com nosso caminhar como Instituto para novas terras:



Pode ser, inclusive, que estejamos a sabotar a nós mesmo, tomando decisões contrárias ao que proclamamos por escrito! É possível que isso ocorra também em nível de Conselhos provinciais ou em níveis mais locais ou também pessoais?

- *Estamos falando de um processo que se vive no Instituto, mas suponho que também poderíamos aplicá-lo à nossa vida pessoal.*

O Instituto mudou muito desde a sua fundação, especialmente com o *aggiornamento* pedido pelo Vaticano II. Estruturalmente, mudamos mais e mais profundamente nos últimos 50 anos do que nos 140 anteriores. Ao mesmo tempo nossa maneira de pensar também foi modificada em muitos aspectos. Quanto à nossa conversão institucional... parece que vai um pouco mais lenta! E não há outro caminho para a conversão institucional que o da conversão pessoal, embora provavelmente ambas precisem uma da outra.

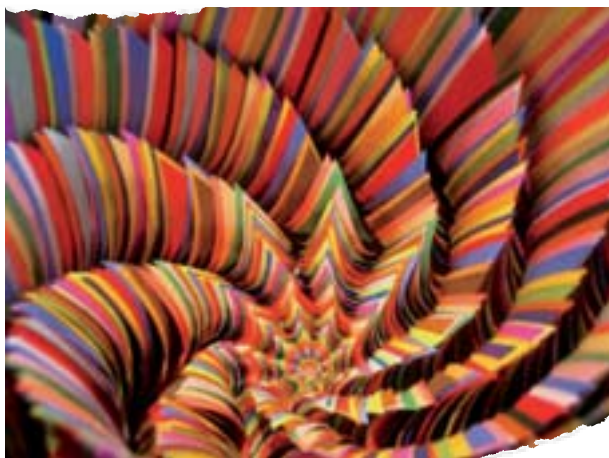
Conversão, *nascer de novo* (Jo 3, 7), significa aderir aos valores do Evangelho e, portanto, plenitude de vida e felicidade. Mas não é um caminho fácil: significa também renúncia, disciplina, mudança... morte! *Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la* (Mt 16, 25).

Emmanuel Mounier expressava-o assim: *É preciso sofrer para que a verdade não se cristalice em doutrina, mas que nasça da carne.*

■ *Então, o que está acontecendo conosco?*

Todos nós temos um *sistema imune* que resiste em mudar com todas as suas forças. Como disse Steve Jobs, em famoso discurso aos universitários de Stanford, quando já se lhe havia diagnosticado câncer: *Ninguém gosta de morrer... mas a morte é nosso destino comum: ninguém escapará dela. E assim deve ser, porque a morte é o melhor invento da vida: é o agente de mudança da vida. Elimina o velho e dá lugar ao novo.*

Quem de nós não sente profundas resistências perante as chamadas à conversão? Não intensifico minha oração pessoal, porque isso significaria mudar meus hábitos e rotinas, e vencer minha comodidade. Não me comprometo mais na comunidade, porque teria que superar o individualismo e, talvez, sacrificaria parte de



*minha liberdade. Não quero ir a um novo apóstolado, porque já mudei bastante na vida e agora devo descansar um pouco... Você continua com sua própria lista? O que é que deve morrer em mim para que a novidade do Espírito possa florescer?*

## MARIA, NOSSA FONTE DE RENOVAÇÃO

- *Estamos onde estamos como Instituto e como pessoas; somos os que somos... Quem nos oferece uma visão que nos incentive a continuar construindo nosso futuro?*

Durante o último Capítulo geral houve momentos em que sentimos intensamente a presença de Maria entre nós. Creio que avaliamos isso como um sinal de ternura e de acompanhamento d'Aquela que *tudo fez entre nós*.

Mas também se converteu em nossa fonte de inspiração: *Sentimo-nos impulsionados por Deus a sair para uma nova terra, que favoreça o nascimento de uma nova época para o carisma marista. Isso exige que estejamos dispostos a mover-nos, a desprender-nos, a comprometer-nos num itinerário de conversão, tanto pessoal quanto institucional, nos próximos oito anos. Percorremos esse caminho com Maria, **como guia e companheira**. Sua fé e disponibilidade para com Deus **nos encorajam** a realizar esta peregrinação.* (Capítulo geral XXI)

Já sabemos que o Ir. Seán dedicou a Maria sua última Circular, intitulando-a: *Em seus braços ou em seu coração*. Como ele mesmo disse, uma das finalidades do texto é *que cheguemos a aceitar a Mãe do Senhor como **autêntica fonte de renovação do Instituto hoje**, e atuemos de modo que continue a sê-lo, nos anos vindouros. Ela esteve com Marcelino no início da vida marista; esteve com os Irmãos na crise de 1903, e estará ao nosso lado, hoje, como guia e companheira, ajudando-nos a realizar a viagem que nos levará ao futuro; para isso, basta que lho peçamos* (p. 20).

Para mim é como se o Espírito nos dissesse: *Não querieis uma inspiração e um ponto de referência firme para vosso caminho? Pois aí o tendes: Maria! Poderia ser de outro modo entre nós, que levamos o seu nome?*

■ *A expressão “construir o rosto mariano da Igreja” faz parte dessa visão?*

Nas palavras que pronunciei no final do Capítulo geral aludi a essa expressão, porque me pareceu muito sugestiva e em continuidade com a experiência vivida ao longo dessas semanas. Naqueles momentos eu estava ainda sob choque, assim que não a desenvolvi muito... Nas semanas seguintes, especialmente no trabalho com o Conselho geral, essa imagem se foi consolidando como princípio inspirador de nosso mandato.

Por outra parte, muitos Irmãos e leigos me comentaram que também para eles era uma imagem poderosa, e que a sentiam como muito inspiradora, em conexão com nossas origens e com o que estamos chamados a ser.



CHAMADOS A CONSTRUIR  
O ROSTO MARIANO  
DA IGREJA









**Cabe-lhes** *hoje manifestar de maneira*

*original e específica a presença de Maria na vida da Igreja e dos homens, desenvolvendo para isso uma atitude mariana, que se caracteriza por uma disponibilidade alegre às chamadas do Espírito Santo, por uma confiança inquebrantável na Palavra do Senhor, por um caminhar espiritual em relação aos diferentes mistérios da vida de Cristo, e por uma atenção maternal às necessidades e aos sofrimentos dos homens, especialmente dos mais simples.*

---

**João Paulo II**

*aos Capítulos gerais da Família Marista, 2001*



**A expressão** *rostro mariano da Igreja* nunca foi usada nas origens maristas. Apenas recentemente começou-se a usar, primeiro pelo teólogo jesuíta Hans Urs von Balthasar e, depois, inspirando-se nele ou citando-o diretamente, pelos Papas João Paulo II e Bento XVI.

Se hoje nós, como maristas, a fazemos nossa é porque sentimos que está em profunda conexão com nossas origens e porque cremos que sintetiza muito bem nossa missão na Igreja.

## QUE SIGNIFICA “ROSTO MARIANO DA IGREJA?”

Para captar bem o sentido daquilo que entendemos por *rostro mariano da Igreja*, provavelmente seja bom situar a expressão em seu contexto.

Von Balthasar se refere ao *princípio mariano* para descobrir a missão de Maria na origem da Igreja. Mas usa também outras expressões, como *dimensão mariana*, *perfil mariano*, *rostro mariano* ou *aspecto mariano* da Igreja, referindo-se às manifestações históricas da vida da Igreja derivadas das atitudes com que Maria responde à sua missão como crente e membro da comunidade eclesial. Falar, pois, de *rostro mariano da*

*Igreja* é um convite a participar dessa experiência e missão de Maria.

O teólogo analisa quatro vias que propõe como *arquétipos* da vida da Igreja. Os caminhos percorridos pelos protagonistas dessas quatro histórias, que fizeram experiência do Senhor ressuscitado no seio de uma comunidade, podem ser percorridos por qualquer crente. Cita, em primeiro lugar, a experiência de **Pedro**, que descobre que Jesus, com quem conviveu durante anos, *foi morto na cruz* por seus concidadãos, *mas Deus o ressuscitou*. A convicção de sua fé servirá de confirmação e segurança da de seus irmãos. A história da fé de Pedro fundamenta a reflexão teológica do chamado *princípio petrino*.

A segunda história narra a experiência carismática da vida de **Paulo**, particularmente sua e que não pode ser identificada com a dos Doze. Dela nascem as reflexões fundadas no *princípio paulino*. A terceira é a experiência mística de **João**, que nos transmite *aquilo que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalparam: a Palavra da Vida* (1Jo 1, 1). É a chamada tradição *joanina* ou *princípio joanino*. Em outros lugares de suas obras, Von Balthasar propõe outros esquemas, um tanto mais complexos, incluindo também um quinto arquétipo *jacobeu* (de **São Tiago**). Finalmente, e poderíamos dizer em primeiro lugar, num nível muito mais profundo e mais próximo do centro, a experiência da **Mãe do Senhor**, experiência íntima e total, flui para a Igreja, a torna fértil, e fundamenta o *princípio mariano*.

O princípio mariano é, em distintos aspectos, mais fundamental que o princípio petrino. Assim o recolheu o Catecismo da Igreja Católica (1993): *a dimensão mariana da Igreja precede a sua dimensão petrina* e o mesmo João Paulo II (1987): *O perfil mariano é tão (se não mais) fundamental e característico da Igreja quanto o perfil apostólico e petrino, ao qual está profundamente unido*. Isso significa, para todo o cristão, que ser crente é mais importante que o ministério que se desempenha na Igreja.

Em definitivo, a experiência mariana enlaça e vincula fé e visão, céu e terra, e supera a tensão entre a Igreja imaculada e a Igreja de pecadores. Porque Maria *acreditou pela fé e pela fé concebeu* (Santo Agostinho), é a *primeira crente e a Mãe de Deus*, sem que em Maria se possam separar *a crente e a Mãe de Deus*. Sua experiência de Cristo é espiritual e corporal ao mesmo tempo. Por isso não se pode saltar de uma Igreja visível, hierárquica, *petrina*, a uma Igreja invisível e espiritual na qual encontraríamos *a dimensão mariana*.

Portanto, esses diferentes caminhos não se opõem, mas se complementam. E creio que não seria correto enfrentar essas diferentes dimensões da Igreja e optar por uma Igreja de rosto mariano, em contraposição a uma *Igreja petrina*. É um argumento fácil, mas para nada construtivo.

Von Balthasar escreveu que quando se rechaça a dimensão mariana *tudo se torna mais polêmico, mais crítico, mais amargo, menos amável, e*

*acaba aborrecido, e as pessoas de missa fogem de uma Igreja assim. Mas seria toda uma ironia utilizar uma Igreja que se inspira em Maria como arma contra a hierarquia, convertendo a nós mesmos em mais críticos, mais amargos, menos amáveis... Não estamos, portanto, contra ninguém nem contra nada; em todo caso, a única coisa que poderia ficar em evidência é nossa própria incoerência em não viver os ideais que proclamamos.*

## O SONHO DOS PRIMEIROS MARISTAS: UMA IGREJA RENOVADA

Como bem sabemos, na origem da Sociedade de Maria se encontra a inspiração de Jean-Claude Courveille, que disse tê-la recebido de Maria, no Puy. Em 1815 explica seu projeto a alguns de seus companheiros no Seminário de Santo Irineu -



Colin, Champagnat, Déclas, Terrailon - os quais, em seguida, se entusiasma com a ideia que acaba por se concretizar na promessa de Fourvière, aos pés da Virgem Negra.

Fazia parte, realmente, do sonho desses doze sacerdotes recém-ordenados a construção de uma *Igreja ma-*

riana? Para Courveille era claro que se tratava de colaborar na renovação da Igreja; do mesmo modo que em outro momento histórico essa missão foi confiada à Sociedade de Jesus, disse ele; neste momento, corresponde à Sociedade de Maria. Jean-Claude Colin, porém, é muito mais contundente: *A Sociedade de Maria deve reiniciar uma nova Igreja. Não o digo em sentido literal, o que seria uma blasfêmia. Porém, num certo sentido, sim, devemos reiniciar uma nova Igreja.*

*Esses primeiros Maristas tinham consciência de que o Projeto era parte da missão de Maria: dar Cristo à luz e estar com a Igreja, em seu nascimento (Água da Rocha, 11). É claro que Champagnat também participava plenamente desse projeto, mas, como em tantas outras ocasiões, à sua maneira. Como homem prático que era, deseja que os ideais se concretizem. De que maneira irá ele contribuir na renovação da Igreja? Segundo os cronistas, repetia uma e outra vez em suas reuniões com os companheiros da Sociedade de Maria: *Necessitamos de Irmãos!*. Sua maneira de construir uma Igreja diferente, renovada, de rosto mariano, se concretiza por meio da fundação dos *Irmãozinhos de Maria*.*

## NOSSA MANEIRA DE SER E DE CONSTRUIR IGREJA

Construir uma Igreja de rosto mariano é algo a que são convidados todos os cristãos. Mas nós, como maristas, somos convidados a *manifestar de maneira original e específica a presença de*



*Maria na vida da Igreja e dos homens, tal como no-lo recordou João Paulo II.*

Em que consiste essa maneira original e específica de ser?

Como disse antes, Champagnat quis que nossa simples existência na Igreja fosse já uma contribuição profética, sendo *Irmãozinhos de Maria*, quer dizer, religiosos que não participam da estrutura hierárquica da Igreja, mas que aspiram a viver o Evangelho do jeito de Maria. Ambas as palavras são importantes: *Irmãozinhos* e *Maria*, e ambas recolhem o que somos chamados a ser, como disse o Ir. João Batista, o conhecido biógrafo do Fundador, num retiro que dirigiu aos Irmãos em 1862: *Qual é o nosso espírito? Qual o meio particular que o nosso Fundador nos deu para chegar à caridade perfeita? O nome que levamos nos diz qual é o nosso espírito.* Essa é a



originalidade de nossa vocação, isso é o que especifica nossa contribuição à Igreja e à sociedade, não somente pelo que fazemos, mas também pela maneira como o fazemos e pelo que somos. Nossa existência na Igreja e na sociedade tem sentido em si mesma, sem necessidade de recorrer à nossa função específica.

O mesmo vale para milhares de leigos e leigas - em todo o mundo - que se sentem identificados com o carisma, como eu mesmo pude comprovar, ao longo desses dez últimos anos, nos cinco continentes. Algumas pessoas sentem que Deus as chama a viver sua vida cristã com as características maristas, e então falamos de *vocação laical marista*; em outros casos, a adesão se dá mais no nível de alguns aspectos da espiritualidade ou no campo da missão.



Não somos nenhuma multinacional de serviços educacionais, nem uma ONG internacional; somos uma comunidade eclesial com características próprias, onde experimentamos a alegria do dom recebido do Espírito Santo e sentimos a responsabilidade de oferecer nossa peculiar contribuição.

Queremos aprofundar um pouco as características desse *rostro mariano* da Igreja que nos sentimos impulsionados a construir. Com grande liberdade de espírito, visto que, como já se sublinhou anteriormente, tanto os Irmãos como as pessoas leigas, por não sermos membros da hierarquia, não somos chamados a atuar como agentes da instituição, mas como profetas no meio do Povo de Deus.

Recordemos que, para muitas pessoas com as quais nos relacionamos de maneira habitual, a única possibilidade de contato com a Igreja é através de nós: que maravilhosa oportunidade de oferecer uma Igreja de rosto mariano!



A close-up photograph of a wooden chair with gold leaf decorations. The chair features a curved backrest with a gold leaf border of small beads and a central gold leaf branch with leaves. A white paper insert is visible, partially covering the chair's seat. The text is overlaid on the white paper.

**TRÊS  
ÍCONES PARA  
CARACTERIZAR  
UMA IGREJA  
DE ROSTO MARIANO**

*Nas páginas anteriores:  
Monograma de Maria localizada na parte frontal  
o altar da igreja do Hermitage.*



**A Igreja** *grega e as Igrejas eslavas...*

*consideravam a veneração  
dos ícones como parte integrante  
da liturgia, à semelhança  
da celebração da palavra.  
Como a leitura dos livros  
permite compreender  
a palavra viva do Senhor,  
assim a exposição  
de um ícone pintado  
permite aos que o contemplam,  
de aproximar-se, pela vista,  
dos mistérios da salvação,  
que em parte se expressa  
pela tinta e o papel,  
e em parte se expressa  
pelas diversas cores  
e outros materiais.*

---

**João Paulo II**

*Duodecimum Saeculum*



**O ícone** é uma palavra para os olhos; o que as palavras anunciam ao ouvido, a pintura de um ícone o mostra silenciosamente aos olhos. (Concílio de Nicéia)

No Ocidente acentuamos a importância das palavras, da lógica, da necessidade de escutar. No Oriente, porém, se dá importância à imagem, à intuição, à necessidade de contemplar.

Para muitos de nós, que não pertencemos à tradição espiritual do Oriente cristão, os ícones não são fáceis de entender. Entretanto, foram conquistando popularidade inclusive naquelas partes do mundo que foram influenciadas pelo cristianismo *ocidental*: sabemos que pertencem ao primeiro milênio da Igreja, quando esta ainda não se havia dividido e que, portanto, refletem as crenças e práticas mais antigas da comunidade cristã. Oxalá os ícones sejam o sinal de uma Igreja novamente indivisa no terceiro milênio!

Vamos contemplar três ícones em que aparece Maria: eles nos levarão a compreender melhor as características de uma Igreja de rosto mariano. A Anunciação, a Visitação e o Pentecostes são três acontecimentos que vão nos guiar e coincidem com os grandes chamados que o Se-

nhor dirigiu ao Instituto, por meio dos últimos Capítulos gerais.

Creio que, ademais, coincide também com a sensibilidade de muita gente que sonha com uma Igreja *distinta*. No mês de outubro de 2011, enquanto recolhia idéias para escrever esta Circular, se me ocorreu que devia encontrar algum meio para interagir com outras pessoas e recolher suas opiniões. O que fiz foi criar uma página no Facebook, chamada *Igreja mariana*, e perguntei: *Para você, quais seriam as principais características de uma Igreja de rosto mariano?*

Para os que estão menos acostumados à Internet, direi que Facebook é uma rede social criada por um estudante da universidade de Harvard com a intenção de facilitar as comunicações e o intercâmbio de conteúdos entre estudantes, gra-



tuitamente. Com o tempo, o serviço se estendeu até estar disponível para qualquer pessoa que disponha de uma conta de correio eletrônico. Em fins de 2011 está com mais de 800 milhões de usuários.

No Facebook tudo é muito efêmero, visto que as comunicações, normalmente muito curtas, se sucedem muito rapidamente. Por isso, talvez esse meio não seja o mais adequado para a interação que eu desejava, mas, mesmo assim, embora as respostas não fossem muitas, me pareceram significativas porque representavam um leque bem plural de pessoas: diversas línguas, culturas, idades...

Pois bem, que aportes houve, como resposta à minha pergunta? Creio que poderiam ser classificadas em três grandes compartimentos:

- a. **Serviço.** Atenção às pessoas mais necessitadas. Justiça social, libertação do ser humano.
- b. **Mãe:** que cria família, em que todos têm igual dignidade; respeita-se a diversidade e se acolhe a diferença. Simplicidade e humildade. Vive o amor, a ternura, a compaixão. Acompanha, consola, acolhe em vez de condenar. Humana.
- c. **Fé em ação.** Abertura ao Espírito Santo, sem medos. Medita nas palavras de Jesus, guarda-as em seu coração e as põe em prática.





Em conexão com os três ícones a que antes aludi, poderíamos dizer que o serviço está caracterizado pelo ícone da Visitação; o aspecto maternal e familiar, por Pentecostes; e a fé em ação, pelo ícone da Anunciação.

Vamos deter-nos em cada um desses ícones, visto que recolhem o essencial da

vida religiosa: *A busca de Deus, uma vida de comunhão e o serviço aos demais, são as três características principais da vida consagrada* (João Paulo II, *Ecclesia in Asia*, 44). Estes são os três aspectos que vamos destacar, válidos também, a seu modo, para o laicato marista.

Nós nos deixamos interpelar por cada um dos ícones, conscientes de que *as atitudes de Maria, que queremos assumir em nossas vidas, se convertem em presença do rosto materno de Deus* (Capítulo geral XIX).

ÍCONE DA VISITAÇÃO:  
A IGREJA DO AVENTAL



Com Maria, *que parte depressa,*  
*sentimo-nos chamados*  
*a viver nossa vida como serviço*  
*e a levar Jesus aos demais.*  
*Nesse serviço, crianças e jovens*  
*mais vulneráveis*  
*têm nossa preferência.*  
*Com eles e por eles, juntamente*  
*com muitas outras pessoas*  
*de boa vontade,*  
*contribuímos para um mundo*  
*melhor, mais habitável e fraterno.*  
*Nossa perspectiva para olhar*  
*o mundo é a de Jesus,*  
*que, ao pôr-se a lavar os pés,*  
*o olha de baixo.*

---

Mons. Tonino Bello, poeta e profeta, usou frequentemente esta imagem da *Igreja do avental*, a *Chiesa del grembiule*, porque, dizia, esse é o único ornamento litúrgico que podemos atribuir a Jesus. E afirmava em uma de suas conversas espontâneas: *O Senhor 'se levantou da mesa, tirou o manto e, tomando uma toalha, amarrou-a na cintura': eis aí a Igreja do avental. Quem quisesse desenhar a Igreja como a sente o coração de Jesus, teria que desenhá-la cingida com uma toalha. Alguém poderia objetar que é uma imagem muito serviçal, demasiado banal, uma fotografia que não se mostra aos parentes quando*

*vêm à casa para tomar chá. Mas a Igreja do avental é a Igreja que Jesus prefere porque a fez assim. Fazer-se servos do mundo, ajoelhar-se como fez Jesus... e se pôs a lavar os pés das pessoas, do mundo. Isso é a Igreja. E nós, a quem lavamos os pés?.*

Depois de usar a imagem da *Igreja do avental*, num Simpósio sobre a vocação do religioso Irmão, em Madri, um Irmão me recordou que esta poderia representar-se pelo Irmão Henri Vergès, cuja imagem com avental foi reproduzida em muitas estampas e pôsteres: é verdade! Não podia haver melhor imagem que a desse *Irmãozinho*, amantíssimo de Maria, que soube *enterrar-se*, de

maneira simbólica, mas também literal, em terras do Islã. Evangelizar no silêncio, discretamente, com esse maravilhoso sorriso que o caracterizava.



*Participamos da maternidade espiritual de Maria ao assumirmos nossa responsabilidade em levar os valores cristãos às pessoas com quem partilhamos nossa vida. Contribuímos para o crescimento da comunidade eclesial, cuja comunhão fortalecemos pela oração fervorosa e pelo generoso serviço*

ao próximo (*Água da Rocha*, 26). Servir é nossa vocação. De fato, creio que somos conhecidos na Igreja e na sociedade, sobretudo, por esse serviço que estamos oferecendo há quase 200 anos. Um serviço feito com grande dedicação e entrega, e que, normalmente, é muito bem avaliado e recebido.

Como bons filhos de Champagnat, somos gente prática e em cada momento histórico temos procurado oferecer o serviço que se nos pedia. Hoje, nesta sociedade globalizada em que vivemos, temos acesso imediato às informações que nos recordam a pobreza, o sofrimento, a marginalização de milhões de crianças e jovens em todo o mundo. Por isso mesmo, o último Capítulo geral nos recordou que devemos continuar aumentando e qualificando nossa presença entre crianças e jovens pobres, de maneira que esta seja *fortemente significativa*.

Isso quer dizer que cada Província e cada Distrito deveriam perguntar-se se estão fazendo todo o possível para atender os que vão ficando à margem de nossas sociedades. Mas também cada obra marista pode fazer-se essa mesma pergunta. De fato, deveríamos ser reconhecidos, onde quer que estejamos presentes, como aqueles que têm preferência pelas crianças e jovens mais vulneráveis, e isso, não porque recolhemos dinheiro para eles, mas por meio de nossas políticas de admissão, nossa prática educacional, nossa maneira de entender a disciplina e de resolver os conflitos, nosso currículo, etc. Um bom teste para saber como estamos fazendo, poderia ser este: perguntar a estranhos

como é que nos identificam... Será que veem em nós o rosto materno da Igreja?

Estivemos comprometidos, desde a nossa origem, na defesa dos direitos das crianças e jovens por meio de nosso serviço educacional. Hoje entendemos que é preciso fazer essa defesa de maneira mais estrutural e política, procurando intervir lá onde se tomam as decisões que podem mudar as estruturas que geram ou perpetuam as violações desses direitos. Daí a nossa presença, nas Nações Unidas, com nossos próprios valores, e daí a presença que devemos ter nas instituições sociais ou políticas que trabalham em defesa dos direitos da criança, nos países em que estamos presentes.

Seja em nossas próprias instituições educacionais ou em outros âmbitos onde trabalhamos, compartilhamos nosso caminho com as pessoas de boa vontade, fazendo do serviço um valor prioritário em nossas sociedades, apesar de que a busca de prestígio, de poder ou de dinheiro seja um competidor muito poderoso. A presença, entre nós, de pessoas de outras confissões cristãs ou de outras religiões, ou de pessoas em busca, nos permite oferecer o testemunho da Igreja aberta e servidora que nos sentimos chamados a construir.

Olhar o mundo a partir da perspectiva de outra pessoa significa ser capaz de pôr-se no lugar dela; deixar-se tocar por ela; compreendê-la, embora nem sempre se possa aprovar suas ações. Quando Jesus se ajoelha para lavar os pés de seus discípulos, sua perspectiva é *de*



*baixo*: trata-se de servir, não, porém, como protagonistas ou como quem tem todas as respostas, mas de joelhos, quer dizer, com a humildade de quem serve porque ama, sem buscar nada em troca. Quantos testemunhos escutei de pessoas cuja visão do mundo mudou quando aceitaram pôr-se de joelhos, perto dos que já estão "abaixo" em nossa sociedade, e se deixaram educar por essas pessoas, sem preconceitos nem medos. Sim, é verdade que é perigoso fazê-lo. Sua visão do mundo e da vida jamais tornará a ser como antes.

*Aqueles que nos governam deixam-se guiar pelo espírito da Serva do Senhor. A seu exemplo, ouvem, refletem e agem (Constituições, 120).* Essa é a liderança mariana que todos compartilhamos, uma liderança *de baixo*, não com respostas pré-fabricadas, mas com escuta atenta, com a atitude humilde de Maria, que sabe deixar-se interpelar por Deus e pelos demais.

ÍCONE DE PENTECOSTES:  
A FONTE DA ALDEIA







## **Construímos** *comunidade*

- *em torno de Maria, como*
  - *os apóstolos em Pentecostes.*
  - *Nossas comunidades religiosas*
  - *ou leigas são lugares onde*
  - *se desenvolvem nossas qualidades*
  - *humanas e espirituais,*
  - *e são evangelizadoras por meio*
  - *de seu testemunho de amor fraterno.*
  - *Fiéis ao nosso espírito de família,*
  - *acolhemos como irmão ou irmã,*
  - *de maneira incondicional,*
  - *qualquer pessoa.*
  - *De Maria, nossa Boa Mãe,*
  - *aprendemos a exercitar*
  - *a ternura e a compaixão.*
- 

*A Igreja católica não é um museu de arqueologia. É a antiga fonte da aldeia que dá água às gerações de hoje, como a deu às do passado (João Paulo II, 1960). A Igreja como uma fonte, como os famosos *nasoni* de Roma (bebedouros semelhantes a grandes narizes recurvados), mais de 2.000 fontes que, por todos os cantos da cidade, de dia e de noite, oferecem sua água generosamente a quem queira beber. Muitos turistas se surpreendem de tanta generosidade e se perguntam se a água é boa; alguns observam que*

algum tubo, por fora, está um pouco oxidado, ou que a pia onde cai a água está um pouco rota ou suja... mas isso não tem importância para os romanos, que bem sabem que essa água continua sendo fresca e boa, como na época dos aquedutos: assim é a Igreja, conforme o Papa João!

Nossas comunidades, portanto, não são museus para visitar, mas lugares vivos onde se pode desalterar a sede e partilhar a água da vida com outras pessoas. Sabemos que nós somos fontes e não a água que sacia; isso nos torna humildes e o sentimos como um convite permanente a manter-nos abertos e generosos. É a comunidade de Pentecostes, reunida em torno de Maria, que se sabe portadora de um dom que a supera.

A comunidade é algo essencial na vida dos Irmãos, como nosso próprio nome já indica, embora nem sempre sejamos capazes de situar a vida comunitária no centro de nossas prioridades. Por outra parte, construir comunidade, seja como religiosos ou como leigos, é nosso primeiro meio de evangelização. Assim no-lo recordou nosso Fundador em seu testamento espiritual: *Que se possa dizer dos Irmãozinhos de Maria como dos primeiros cristãos: 'Vejam como eles se amam!' É o voto mais ardente do meu coração neste último instante de minha vida.* Os jovens necessitam de modelos visíveis de que é possível levar a cabo o sonho de Jesus: construir uma sociedade alternativa, o Reino, aqui e agora. Mostrar que um grupo de pessoas de diferentes procedências, culturas, idades... são capazes de viver juntas, respeitar-se, amar-se,

mesmo sem terem-se escolhido mutuamente. A comunidade, ponto de partida de nossa pastoral com jovens, se oferece também como ponto de chegada: o espaço que, de maneira normal, deveria coroar nossos esforços pastorais.

Em mais de um lugar, em minhas visitas ao Instituto, recordei o fato de que, no meu parecer, com frequência nos temos deixado levar pela tendência espontânea de reproduzir, no seio de nossas comunidades, Províncias ou instituições, as divisões que existem na sociedade. Por exemplo, amiúde temos originado separação entre os que trabalham com crianças e jovens de classes abastadas, e aqueles que atuam com os que pertencem a classes mais pobres. Não temos contribuído, portanto, a superar essa divisão social, antes, reproduzimo-la entre nós. Em lugar de ser profetas de unidade e reivindicar esse profetismo, nos temos limitado a reproduzir o esquema social existente. São situações que não devemos permitir entre nós, sob nenhum conceito. Podemos mudar essa tendência? Claro



que podemos mudá-la, sempre que nos conscientizemos dela e estejamos dispostos a construir pontes de diálogo e de encontro, primeiro entre nós mesmos, e depois em nível social.

Certamente ouviram de muitas pessoas, como também eu, que entre nós é bem visível o sentido de acolhida e de trato afável, que reconhecemos como *espírito de família*. É uma acolhida mútua, no seio de nossas comunidades, que nos ajuda a desenvolver-nos plenamente como pessoas (ou pelo menos é isso que teríamos direito a esperar). Mas é também uma acolhida que praticamos, de maneira incondicional, com qualquer pessoa que se achegue às nossas comunidades ou às nossas instituições educacionais, como o faria a mãe com seus filhos:

· Venha, venha, quem quer que seja, venha!  
· Infiel, religioso ou pagão, pouco importa.  
· Nossa caravana não é de desilusão!  
· Nossa caravana é de esperança!  
· Venha, ainda que tenha rompido  
· mil vezes suas promessas!  
· Venha, apesar de tudo, venha!

---

**Jalal ad-din Rumi,**

místico muçulmano do século XIII

Sempre que estive em Lourdes impressionou-me ver como as pessoas enfermas ou com algum tipo de deficiência têm preferência em tudo: pelo menos há um lugar na terra onde isso acontece, e é bonito que seja na Igreja! De maneira semelhante, não poderiam nossas comunidades

e instituições ser como oásis onde qualquer pessoa possa sentir-se bem-vinda, simplesmente porque é pessoa, sem necessidade de dar explicação alguma? *Maria inspirou aos primeiros Irmãos uma nova visão de Igreja, segundo o modelo dos primeiros cristãos. Essa Igreja mariana tem um coração materno: ninguém é abandonado. A Mãe acredita na bondade intrínseca das pessoas e perdoa sem hesitação. Demonstramos respeito pela caminhada pessoal de cada um. Por isso acolhemos quem apresenta dúvidas e incertezas espirituais. Há lugar para todos. Oferecemos escuta e diálogo (Água da Rocha, 114).*

*Recebendo-a em nossa casa, aprendemos o modo de amar as pessoas e nos tornamos, por nossa vez, sinais vivos da ternura do Pai (C 21).* A estátua





da Boa Mãe, herdada de nosso Fundador, é uma imagem cheia de ternura: o menino está chupando o dedo, significando que descansa confiante nos braços da mãe. Sabemos que tanto na vida de Champagnat como na dos primeiros Irmãos encontramos passagens que transpiram ternura e delicadeza. Recordemos o testemunho do Ir. Lourenço, um dos primeiros Irmãos, falan-

do do Padre Champagnat: *A ternura de uma mãe para seus filhos não é maior que a do Padre Champagnat para conosco... Nosso bom Superior, como o mais terno dos pais, tratava-nos com o maior cuidado.*

Muitos Irmãos souberam manter essa ternura e delicadeza, apesar de nem sempre terem sido socialmente valorizadas. Recordo que, faz alguns anos, visitei um Irmão muito enfermo que estava nos seus últimos dias; acompanhava-o uma religiosa, irmã sua. De repente entrou o Irmão marista que cuidava do enfermo e, depois de dar-lhe alguns remédios e animá-lo com boas palavras, beijou-o na fronte com toda a naturalidade, e saiu do quarto. Recordo a emoção que me transmitiu a religiosa: nunca havia visto homens se tratarem com tanto respeito, mas também com tanta ternura.

Como dizia a Irmãzinha Magdeleine de Jesus, fundadora das Irmãzinhas de Jesus: *O amor generoso se encontra mais facilmente, mas o amor delicado e respeitoso para com toda a criatura é pouco freqüente*. Somos, portanto, convidados a viver o que o profeta Miqueias nos recomenda: *O que Deus quer de você é isto: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com o seu Deus* (6, 8).

Com prazer assumimos a responsabilidade de dar continuidade à herança recebida de nossos primeiros Irmãos, que, *junto à Boa Mãe, aprofundavam o sentido da fraternidade, da dedicação e da abnegação a serviço dos demais* (C 49). Nossas comunidades e obras educacionais, células vivas da Igreja, são chamadas a continuar sendo um reflexo desse rosto materno.

ÍCONE DA ANUNCIAÇÃO:  
A BELEZA SALVARÁ O MUNDO





**Maria** *na Anunciação é nosso modelo de abertura ao Espírito, a quem escuta atentamente no silêncio e a cuja ação se abandona. Como Ela "que guardava e meditava todas as coisas em seu coração", buscamos ser contemplativos na ação. Nossa oração, fiéis à tradição marista, é simples, inserida na vida cotidiana, mas também com tempos específicos para a contemplação. Nós nos educamos e educamos para a interioridade, promovemos a sensibilidade e a abertura para a beleza.*

---

*A beleza salvará o mundo, faz afirmar Dostoievski a um personagem de uma de suas novelas. O mesmo Dostoievski nos explica: A humanidade pode viver sem a ciência, pode viver sem pão, mas sem a beleza não poderia continuar, porque não haveria nada a fazer no mundo. Todo o segredo está aqui, toda a história está aqui. Nossa experiência nos demonstra de maneira confiável que, nem a violência, nem os que detêm o poder em seu próprio benefício salvarão o mundo.*

Então, de que necessita nosso mundo, tão estruturalmente injusto e com tanta violência? Abrir-se à beleza do silêncio, da admiração, da gratuidade. O coração humano está sedento disso, embora nem sempre acerte no caminho para consegui-lo.

No dia em que se inaugurou o Concílio Vaticano II, milhares de pessoas concordaram em acudir à Praça São Pedro com tochas, peregrinando de diversos lugares da cidade. O Papa João XXIII relutava em aparecer à janela de seu apartamento particular e dirigir-se à multidão, porque não queria esse protagonismo para si. Finalmente, Mons. Capovilla, seu Secretário, consegue convencê-lo, e o Papa começa a falar de maneira espontânea. Trata-se do mundialmente conhecido *discurso da Lua*, imortalizado pela RAI. Por que se lhe deu esse título *da Lua*, se ele, de fato, falou de muitas coisas? Porque tocou o coração das pessoas, emocionando-as, como nos emociona ainda hoje, quando tornamos a escutar suas palavras: *Olhem com está bonita a Lua nesta noite: dir-se-ia que se apressou para contemplar este espetáculo, que nem sequer a Basílica de São Pedro, que tem quatro séculos de história, pôde contemplar. Minha pessoa não conta para nada; é um irmão que lhes fala... Quando chegarem em casa, encontrarão as crianças: acariciem-nas e digam-lhes que é a carícia do Papa. Encontrarão algumas lágrimas a enxugar. Digam: o Papa está com vocês, especialmente nas horas de tristeza e de amargura... .*

Numa época de crise da Igreja e da sociedade, o Papa fala da beleza da Lua, de acariciar as

crianças, de enxugar lágrimas... E isso é a única coisa que a maioria das pessoas recorda desse dia tão importante!

Falando com alguns jovens que participaram da Jornada Mundial da Juventude, em Madri em agosto de 2011, perguntei-lhes o que mais os havia impressionado: sem duvidar um momento, disseram que foi o silêncio vivido por mais de um milhão e meio de jovens em adoração. A mesma coisa havia escutado de jovens que participaram em Sidnei, em 2008. Não sei se recordarão algo das palavras do Papa, mas esse silêncio, certamente, tocou profundamente suas vidas, de maneira tal que nem eles sabiam explicar. Provavelmente aqui se cumpra o que dizia Von Balthasar: *A primeira coisa que captamos do mistério de Deus não costuma ser a verdade, mas a beleza.* E nós... o que fazemos? Falar, falar, falar...



Tudo isso não estará nos indicando uma nova direção para nós mesmos e para nossa maneira de educar e evangelizar? Edgar Morin (2010) usa a imagem da metamorfose para descrever as mudanças que se devem produzir na sociedade: *É preciso começar de novo. De fato, tudo começou, mas sem que nos tenhamos dado conta. Estamos nos começos, modestos, invisíveis, marginais, dispersos. Pois, já existe, em todos os continentes, uma efervescência criativa, uma multidão de iniciativas locais, no sentido de regeneração econômica, social, política, cognitiva, educacional, ética ou de reforma da vida. Nesse processo de metamorfose, afirma Morin, a orientação desdobrar e dobrar-se significa que o objetivo já não é fundamentalmente o desenvolvimento dos bens materiais, a eficácia, a rentabilidade e o calculável, mas o retorno de cada um a suas necessidades interiores, o grande regresso à vida interior e à primazia da compreensão do próximo, o amor e a amizade.*

*O grande regresso à vida interior.* Em cada pessoa humana há uma aspiração insaciável que surge do mais profundo de seu ser. O poeta José Ángel Valente chamava-a de *nostalgia das brânquias*, porque ... *estamos na superfície apenas para fazer uma inspiração profunda que nos permita voltar ao fundo.* Em muitas partes do mundo existem sinais desse retorno à vida interior, à busca espiritual. Onde é que eu me situo nesta busca?

Em nossas sociedades de hoje, não importa o continente em que estejamos, vivemos no meio de forças muito poderosas que, se não nos do-



tarmos de uma séria disciplina, nos levarão a viver numa superficialidade permanente. Essa foi talvez a experiência de Santo Agostinho, tal como a descreve em suas Confissões: *Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que tu estavas dentro de mim e eu fora, e por fora te buscava; e disforme como era, me lançava sobre essas coisas formosas que criaste. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retenham-me longe de ti aquelas coisas que, se não estivessem em ti, não existiriam.*

Até debaixo da aparência de compromisso apostólico, podemos viver engolidos numa espiral de ativismo: *Os anos nas favelas foram excepcionais. Pude salvar crianças da morte. Foi extraordinário. Entretanto, o que faço hoje no silêncio e no 'ocultamento' não é menos apaixonante. Vivo em meu corpo o sofrimento da pobreza. Não a pobreza material. Hoje minha po-*

*breza é a 'inação'. A ação me dava a sensação de existir. Quanto mais ação, mais viva me sentia. E foi 'embriagante'. Era somente uma miragem, mas não me dei conta enquanto estava na atividade. Tive que sofrer a prova da incapacidade, ligada ao fato de que sou uma anciã, para descobrir esta verdade essencial. E talvez se trate de uma das maiores graças de minha vida, porque agora estou na pura verdade. Já não posso mais esconder-me por trás da Sœur Emmanuelle, 'ativa' em todas as frentes. (Sœur Emmanuelle, conhecida como a Irmãzinha dos trapeiros.) O mundo não necessita de ativistas frenéticos, mas de pessoas pacificadas: este é o fundamento mais sólido para a paz em nossas sociedades.*

Uma vez mais, Maria nos indica o caminho a seguir. Maria do silêncio, da acolhida, da escuta atenta. Ela *guardava e meditava tudo em seu coração*.

Há uns meses, me encontrei, em nossa comunidade de Paris, com um Irmão que havia passado alguns dias em Lisieux. Contou-me que se havia emocionado muito naquele lugar, porque encontrou muita semelhança entre a espiritualidade de Teresa e a espiritualidade marista; sem saber formulá-lo muito bem, esse Irmão tinha a convicção de que nossa oração deve ser simples, confiada, de abandono.

Frequentemente, dou graças ao Senhor por abençoar-nos com pessoas maravilhosas que, com grande simplicidade, vivem sua fidelidade cotidiana, alimentando sua fé e pondo essa fé em ação: são pessoas cuja biografia talvez ja-

mais se publique ou cujo nome não sairá nas notícias, mas que são o melhor tesouro de que dispõe o Instituto.

Quantos Irmãos, disso estou seguro, viveram e vivem como autênticos místicos, agarrados a seu rosário! Pode haver oração mais simples que o rosário? É a oração da gente simples, sem complicações, que expressa seu amor e sua confiança na repetição das mesmas palavras, uma e outra vez. Faz alguns anos, querendo salvar o rosário, o intelectualizamos e carregamos de ideias, de maneira que se tornou indigerível para muitos de nós. Não nos situa o rosário na tradição da oração do coração dos primeiros séculos, uma tradição que nunca deixou de estar presente na Igreja? O Pe. Champagnat ia ao essencial, e encontrou no rosário uma maneira estupenda de expressar confiança e abandono: sabemos que recomendava rezar o rosário inteiro; se não fosse possível, ao menos uma dezena; e se nem isso se podia, ao menos se beijasse o rosário antes de ir dormir, como sinal de amor.

Estou recomendando a volta às práticas devocionais? A única coisa que quero sublinhar é que, da maneira que seja, devemos absolutamente orar, e orar como maristas. E o caminho que Maria nos ensina é o contemplativo: abandono, como um menino nos braços de sua mãe. Um abandono ativo, visto que abre o coração às pessoas e aos acontecimentos, deixando-se tocar por eles no mais íntimo, como Maria, que trata de discernir em tudo as pegadas do Deus das surpresas.



Por esse caminho nos convertemos em contemplativos na ação. Com Teresa de Calcutá, podemos afirmar que *o fruto do silêncio é a oração; o fruto da oração é a fé*. Somente se soubermos dedicar tempos específicos ao silêncio, à oração pessoal, à contemplação, nossos olhos se abrirão à realidade de maneira nova: tudo é igual, mas tudo é diferente.

O Papa nos recorda a todos os religiosos que, por vocação, somos buscadores de Deus. *A essa busca consagrais as melhores energias de vossa vida. Passais das coisas secundárias às essenciais, ao que é verdadeiramente importante; buscais o definitivo, buscais a Deus, mantendes o olhar dirigido a ele. Como os primeiros monges, cultivais uma orientação escatológica: por trás do provisório buscais o que permanece, o que não passa. Buscais a Deus nos irmãos que vos deu, com os quais compartis a mesma vida e missão. Vós o*



*buscais nos homens e nas mulheres de nosso tempo aos quais sois enviados para oferecer-lhes, com a vida e a palavra, o dom do Evangelho. Vós o buscais particularmente nos pobres, primeiros destinatários da Boa-nova. Vós o buscais na Igreja, onde o Senhor se torna presente, sobretudo na Eucaristia e nos demais sacramentos, e na sua Palavra, que é caminho primordial para a busca de Deus; ela nos introduz no colóquio com ele e nos revela sua verdadeira face. Sede sempre buscadores e testemunhas apaixonadas de Deus!* (Bento XVI, 2010)


Como vamos desenvolver essa dimensão mística de nossa vida? Pagando o preço necessário para que possa brotar, desenvolver-se, florescer: silenciar, dedicar tempo à contemplação, à escuta atenta da Palavra, à celebração da fé... Com paciência e constância, sem pretensões. *Ainda que nossos esforços de anos de atenção nos pareçam sem resultado, um dia uma luz, exatamente proporcional a esses esforços, inundará a alma* (Simone Weil).





**MARIA,  
AURORA  
DOS NOVOS  
TEMPOS**





**Hoje não** *precisamos de grandes profetas,  
mas de pequenos profetas  
que vivam com simplicidade,  
sem ruído e sem integralismos,  
a radicalidade e o paradoxo  
do Evangelho na vida cotidiana.*

---

**Johann Baptist Metz**





**A 2 de janeiro** de 2017 cumprir-se-ão 200 anos da fundação do Instituto. Um excelente momento para celebrar e agradecer ao Senhor e à nossa Boa Mãe todo o bem realizado no mundo por meio do Instituto durante esse tempo. Será também uma ocasião para recordar nomes, acontecimentos e pessoas...

Que podemos dizer sobre o futuro? Certamente não está em nossas mãos e provavelmente nos equivoquemos em qualquer previsão que fizermos; o que, sim, podemos fazer, o que já estamos fazendo, é agir no presente. Não seria maravilhoso que em nosso caminho para esse bicentenário pudéssemos sentir o entusiasmo e uma espécie de contágio coletivo, animando-nos uns aos outros em nossa fidelidade ao projeto marista? Maria, aurora dos novos tempos, continua ao nosso lado para ser fonte de renovação.

Sentimo-nos chamados a construir uma Igreja de rosto mariano. Não se trata de uma construção intelectual para mostrar aos visitantes; muito menos de uma bandeira para arvorar perante outras visões de Igreja. Uma Igreja de rosto mariano é o que nos comprometemos a construir.

Marina, leiga italiana, desenhou-a assim no Facebook, respondendo à minha pergunta:

· *Uma Igreja capaz de acolher,*  
 · *sempre e de modo incondicional.*  
 · *Uma Igreja que sorri, partilha e enxuga*  
 · *as lágrimas.*  
 · *Uma Igreja que oferece ternura*  
 · *e vive a misericórdia.*  
 · *Uma Igreja que perdoa.*  
 · *Uma Igreja que ama com os olhos*  
 · *e com o coração.*  
 · *Uma Igreja que leva ao encontro,*  
 · *e ao abraço totalizante com Jesus.*

---

Essa Igreja, para que possa existir, necessita que tu e eu tomemos a firme decisão de torná-la realidade; não a estamos reclamando aos demais: nosso sonho nos compromete.

É um projeto maravilhoso pelo qual vale a pena entregar a vida.

Assim o fizeram tantas outras pessoas, antes que nós. Por exemplo, o Ir. Émile François, que morreu em dezembro de 2005 em Beijing, e com quem tive ocasião de encontrar-me uns meses antes, quando já estava muito enfermo.

Citar esse autêntico *Irmãozinho de Maria* quer ser um reconhecimento e uma homenagem a muitos outros que, como ele, foram fiéis à sua consciência e a seus compromissos, em situações muito difíceis. Sem dar-se importância, sem testemunhas que anotassem o que hoje nós consi-



deramos heroísmo, mas que eles simplesmente consideraram *normal*. *Fiz o que qualquer outro teria feito*, disseram, mais de uma vez, sem nenhuma teatralidade.

O Ir. Émile François, quando chegaram os tempos difíceis em que estava proibido viver em comunidade, regressou

a seu povoado, mas continuou, como bom marista, catequizando. Isso lhe valeu falsas acusações e repetidos encarceramentos, tantos que nem ele mesmo recordava. Cada vez que saía do cárcere, o Irmão, fiel a seus princípios, tornava a catequizar; assim, novas acusações falsas caíam sobre ele. No total, provavelmente, esteve preso mais de 15 anos. Só o deixaram em paz quando já estava muito enfermo e fraco.

Segundo explicava nosso Irmão, inclusive quando estava no cárcere, tratou de disseminar o Evangelho, mas com muito tato e prudência. De fato, havia batizado vários companheiros de prisão, em cuja conversão havia contribuído. Até condenados à morte, com os quais, às vezes, compartilhou cela, afrontaram a sentença com a paz em seus corações.

Os funcionários do cárcere sabiam que o Irmão fora falsamente acusado, e tinham grande respeito por ele. Tanto era assim, que chegou a tornar-se bom amigo de um deles que tinha mais respon-



sabilidade na cadeia. Quando este se aposentou, se deu ao trabalho de viajar até o povoado do Ir. Émile François para encontrar-se com ele e conversar por muito tempo; antes de despedir-se, o ex-funcionário lhe pediu se podia dar-lhe um exemplar da Bíblia Sagrada.

Um Irmão, que conheceu bem Émile François, disse dele que *era um homem muito inteligente, de grande calma e simplicidade, e que nunca manifestou nenhum tipo de ressentimento para os que o haviam acusado falsamente ou condenado. E acrescenta: Estou certo de que, graças à sua inquebrantável fidelidade à fé e a seus compromissos religiosos, teve enorme influência sobre qualquer pessoa que entrasse em contato com ele. Final-*

*mente, nos diz: Estou muito impressionado por sua aceitação da enfermidade no final da vida. Em resumo, posso dizer que o Instituto Marista e a Igreja católica tiveram sempre o PRIMEIRO lugar em seu coração.*



A imagem que está reproduzida no início deste capítulo é a de Nossa Senhora da China, cujo original temos em Roma, recebido das mãos de um dos atuais líderes da Igreja, nesse grande país. Jun-

tamente com a Circular, recebem também uma cópia dessa imagem, em forma de estampa, como recordação de todos os que nos precederam na fé e como estímulo para nosso compromisso: *Portanto, estamos rodeados dessa grande nuvem de testemunhas. Deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que nos envolve. Corramos com perseverança na competição, mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé. Em vista da alegria que o esperava, ele se submeteu à cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus. Para que vocês não se cansem e não percam o ânimo, pensem atentamente em Jesus, que suportou contra si tão grande hostilidade por parte dos pecadores (Hb 12, 1-4).*

Cada vez que tomarmos essa imagem entre as mãos, poderemos sentir-nos em profunda comunhão com tantas testemunhas da fé de ontem e de hoje, que se alegram de levar o nome de Maria e que querem ser sua presença, de maneira original e específica, na vida da Igreja e de nossas sociedades.



Convido-os a rezar com frequência a Maria e com Ela, renovando nossa confiança e nosso compromisso:

· *Maria,*  
 · *aurora dos novos tempos,*  
 · *dou-te graças porque sempre*  
 · *fizeste tudo entre nós, e assim*  
 · *continua sendo até o dia de hoje.*  
 · *Ponho-me confiadamente*  
 · *entre tuas mãos*  
 · *e me abandono à tua ternura.*  
 · *Confio-te também cada uma*  
 · *das pessoas que, como eu, se sentem*  
 · *privilegiadas em levar teu nome.*  
 · *Renovo neste dia minha consagração*  
 · *a ti e também minha firme vontade*  
 · *de contribuir na construção*  
 · *de uma Igreja, reflexo de teu rosto.*  
 · *Tu, fonte de nossa renovação,*  
 · *acompanhas minha fidelidade,*  
 · *como acompanhaste*  
 · *a dos que nos precederam.*  
 · *Neste caminho*  
 · *para o bicentenário marista,*  
 · *sinto tua presença junto a mim*  
 · *e por isso te agradeço.*

---

*Amém*

Maria, aurora dos novos tempos que já estão despontando. Guiados por Ela, seremos capazes de lançar-nos para novas terras, apesar de todas as nossas resistências e medos. Permitam-me terminar estas páginas citando W. H. Murray, que sabia muito bem, por experiência própria, o que significa ter resistências em pôr-se a ca-


minho, sobretudo quando a meta é o Himalaia! Comprometer-se, nos diz, abre as portas ao milagre impossível.

Até o momento em que alguém não se compromete, há hesitação, possibilidade de voltar para trás, e falta de eficácia em qualquer iniciativa ou ato criativo. Existe uma verdade elementar cuja ignorância mata inúmeras ideias e planos esplêndidos: no momento em que me comprometo definitivamente, a providência também se fará presente. Acontece uma infinidade de coisas para ajudar, o que, de outro modo, nunca teria ocorrido... Tenho um profundo respeito por um dístico poético de Goethe: Tudo o que você pode fazer ou sonha poder fazer, comece a fazê-lo, agora. A audácia contém algo de gênio, de poder e de magia. Comece agora mesmo!

### **The Scottish Himalayan Expedition**

Que Maria seja tua companheira de caminho, tua bênção.

Roma, 2 de janeiro de 2012





Impresso em janeiro de 2012  
em CSC Grafica - Guidonia (Roma)  
[www.cscgrafica.it](http://www.cscgrafica.it)

Je fus  
à mes côtés, sentant plus  
je méditais de puis l'usage  
De Petits Grèges de Marie,  
succès, en peu de jours  
sans la...

exécution le projet que  
je leur donnai le nom  
de Sujets; un prompt

Co<sup>d</sup>  
En 1826

aide par ce B'elat et  
maison b